

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E PAISAGEM CULTURAL: VIVÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM VISITA A SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO ESTADO DO ACRE

COSTA, Francisco Wesdras Braga ¹
MARQUES, Maria Eduarda de Lima ²
NASCIMENTO, Jeffer da Cunha ³
NUNES, Eduardo Silveira Netto ⁴

RESUMO: O presente trabalho apresenta as experiências vividas por dois alunos do PIBID da Universidade Federal do Acre, com foco na apresentação de um minicurso sobre os conceitos de Educação Patrimonial e Paisagem Cultural, e na realização de uma visita com alunos da escola-campo a dois sítios arqueológicos. Este relato foi realizado a partir de uma base teórica inicial por meio de cursos introdutórios e na apresentação dos verbetes expostos no minicurso. Na visita com os alunos, observamos suas reações e o envolvimento que possuíam sobre os geoglifos dos sítios Jacó Sá e Severino Calazans. Analisamos que o interesse dos alunos com a atividade frisou a importância de situar o conhecimento com a realidade local, assim como entender que a educação patrimonial não está restrita a espaços institucionais. Esta experiência explicita a magnitude de situar o conhecimento, enfatizando o valor desse processo em suas vivências cotidianas e relacionando com a educação patrimonial e a paisagem cultural.

PALAVRAS-CHAVE: relato de experiência; pibid; educação patrimonial; paisagem cultural; sítios arqueológicos.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se justifica perante o objetivo de tornar exposto um relato de experiência a partir de um minicurso intitulado Patrimônio Histórico e Cultural: ensino e territórios amazônicos e latino-americanos, orientado pelo Prof. Dr. Eduardo Silveira Netto Nunes, coordenador do NID 1 do PIBID/História. Além disso, pretende-se relatar sobre a visita a dois sítios arqueológicos que contém geoglifos, o Jacó Sá e Severino Calazans, feito com os alunos da escola-campo (Colégio

¹ Graduando em Licenciatura em História, bolsista CAPES pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Universidade Federal do Acre (UFAC). *Campus Rio Branco*. francisco.wesdras@sou.ufac.br.

² Graduanda em Licenciatura em História, bolsista CAPES pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Universidade Federal do Acre (UFAC). *Campus Rio Branco*. maria.eduarda.l.m@sou.ufac.br.

³ Graduado em Licenciatura plena em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC), Preceptor do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). *Campus Rio Branco*. jeffer.nascimento@sou.ufac.br.

⁴ Doutor em História Social pela Universidade Federal de São Paulo, Mestre em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Bacharel em História (USP), Licenciado em História e Pedagogia. Bacharel em Ciência Jurídicas e Sociais pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Universidade Federal do Acre, *Campus Rio Branco*. eduardo.nunes@ufac.br.



Estadual Barão do Rio Branco – CEBRB), acompanhados por membros da Fundação Elias Mansour (FEM).

Partindo para a metodologia, esse minicurso estruturou-se na escolha de dois verbetes por cada aluno diretamente do livro Dicionário Temático do Patrimônio: debates contemporâneos (Carvalho; Meneguello, 2020). O objetivo principal era sistematizar o assunto do verbete, dialogando com a realidade local e depois, engendrar uma intervenção pedagógica na sala de aula, contendo atividade possível a ser utilizada/realizada com os alunos. Para esse fim, os verbetes selecionados foram o de Paisagem Cultural (Ribeiro, 2020), na ideia de linkar a paisagem rio-branquense/acreana com a cultural, presando pelo desenvolvimento do pensamento crítico, e Patrimônio e Educação Patrimonial (Bezerra, 2020), lembrando ainda o que fala Freire (1996, p. 13), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo”, ou seja, essa atividade serviu para conciliar a teoria com a prática em uma só atividade, essencial para o desenvolvimento do docente como profissional da educação.

Dando sequência aos objetivos, a visita aos sítios arqueológicos com os alunos da escola-campo CEBRB, parte da ideia de transgredir a abordagem da "educação bancária" na qual alerta Freire (1987, p. 33) "a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam". Sendo assim, defendemos a perspectiva de um ensino voltado para uma educação libertadora, onde os conhecimentos sejam construídos com o professor e os alunos, e não pelo professor para os alunos.

Referente aos geoglifos que se encontram nos dois sítios arqueológicos mencionados, elemento de estudo durante a visita guiada dos estudantes, segundo a UNESCO (2015) os geoglifos são estruturas escavadas na terra, que formam muros baixos e valetas, representando figuras geométricas em seus variados formatos, encontrados predominantemente na região sudoeste da Amazônia Ocidental, e região leste do Acre.

Pensando através dessa perspectiva, buscando uma forma de efetivar a sua justificativa, buscamos a Libâneo como uma das bases teóricas, conversando com o

exposto:

o processo de ensino é uma atividade conjunta e professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções (Libâneo, 1990, p. 28).

De igual modo, a partir do exposto, as duas atividades se mostram de suma importância dentro de uma perspectiva em que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se apresenta como provedor/construtor de experiência e abordagens de ensino, mostrado dentro da construção e elaboração das atividades propostas na apresentação sobre os verbetes, mas também de iniciador nas salas de aula, com a viagem para os dois sítios arqueológicos com os alunos da escola-campo do programa.

2 METODOLOGIA

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa e caracteriza-se como relato de experiência de dois alunos do PIBID do núcleo de Educação Patrimonial e Cultural durante o ano de 2025. A análise dos dados ocorreu de forma descritiva e reflexiva buscando compreender e relacionar as vivências dos alunos com o lugar em que vivem. O presente trabalho inclui uma visita *in loco* realizada com estudantes da escola campo durante o mês de abril a dois sítios arqueológicos em Rio Branco/AC e a relação entre os verbetes Patrimônio e Educação Patrimonial e Paisagem Cultural apresentados pelos pibidianos no minicurso Patrimônio Histórico e Cultural: ensino e territórios amazônicos e latino-americanos.

A primeira etapa realizada no ano de formação foi o curso da plataforma Escola Virtual GOV (EVG), parte do programa de 90h intitulado “Educação Patrimonial, Diversidade e Meio Ambiente”. Os bolsistas ficaram responsáveis por expor seus entendimentos adquiridos ao longo do curso, frisando a Educação Patrimonial e Patrimônio Material, para o que foram utilizadas portarias do IPHAN (2016; 2018) as quais serviram como base para introdução aos conhecimentos adquiridos na plataforma. Foi destacado como a educação patrimonial se faz presente em diversos locais, não apenas nas instituições de ensino.



Parte da segunda etapa se deu através do minicurso apresentado pelos bolsistas, intitulado Patrimônio Histórico e Cultural: ensino e territórios amazônicos e latino-americanos, o qual emerge da necessidade de familiarizar-se com o patrimônio, situando, assim, o conhecimento para os estudantes e servindo como ponte para a identificação do aluno com o lugar em que vive, a escola em que estuda e o entorno escolar. O minicurso utilizou princípios norteadores, tais como: i) conceitualizar os verbetes escolhidos; ii) situar o conhecimento a partir dos patrimônios encontrados no estado do Acre; iii) como aplicar tais ensinamentos na escola-campo, relacionando com a realidade escolar do aluno.

O referencial teórico utilizado para a apresentação baseou-se no Dicionário Temático de Patrimônio: debates contemporâneos, uma coletânea organizada por Carvalho e Meneguello (2020) a qual inclui a perspectiva de diversos autores a respeito dos diferentes patrimônios existentes.

O conceito de Paisagem Cultural adotado neste trabalho é compreendido a partir da definição de Ribeiro (2020) no qual se destaca a importância entre a natureza e a preservação do patrimônio, além de compreender que “a paisagem cultural seria capaz de englobar, de forma integrada, todos os bens previstos como patrimônio pela Constituição brasileira” (2020, p.33), destacando sua relevância sobre os outros patrimônios.

O verbete Patrimônio e Educação Patrimonial fundamenta-se nas discussões propostas por Bezerra (2020), que busca promover a sensibilização para a temática, desde sua preservação até a identificação dos sujeitos sobre ele. É de suma importância frisar a educação enquanto prática libertadora e engajada (hooks, 2017) “a educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”. Nessa perspectiva, ela é fundamental para a compreensão da educação patrimonial, pois qualquer docente aprende a ser menos opressor e mais libertador em sua prática

A Educação Patrimonial fundamenta-se também na abordagem proposta por Horta, Grunberg e Monteiro (1999), a qual nos direciona a 4 passos I) Observação (contato): experiência direta com o bem cultural, no caso visitas guiadas aos geoglifos em fevereiro de 2025 (supervisores, bolsistas e IPHAN) e alunos da escola campo na disciplina de eletiva em abril de 2025. II) Registro (documentação): momento de traduzir o que foi observado durante a visita (fotografias, relato das experiências e produção textual) incentivando os alunos a percepção dos detalhes.



III) Exploração (pesquisa) fase de investigação, na qual os alunos foram orientados pelo professor supervisor a pesquisarem sobre os geoglifos no Acre; além disso, assistiram ao Episódio 02 da Segunda temporada da série “Revelações Pré-históricas”, da Netflix, que mostra os geoglifos no Acre. IV) Apropriação (pertencimento) o objetivo é mostrar aos alunos que os geoglifos não são algo distante ou “apenas antigo”, mas que fazem parte da sua própria história e identidade; é dessa apropriação que nasce o desejo de preservar o patrimônio histórico.

As visitas realizadas aos sítios arqueológicos Jacó Sá e Severino Calazans, contaram com a presença do professor supervisor e a FEM (Fundação Elias Mansour), permitindo que os alunos estivessem em contato com os geoglifos, fundamentados a partir da UNESCO (2015).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O minicurso Patrimônio Histórico e Cultural: ensino e territórios amazônicos e latino-americanos viabilizou uma discussão acerca da implementação dos conhecimentos adquiridos sobre patrimônio para uma possível atividade que seria aplicada dentro das escolas, como é o caso do verbete sobre Paisagem Cultural (Ribeiro, 2020) e Patrimônio e Educação Patrimonial (Bezerra, 2020). Essas atividades valorizavam a integração do conhecimento já construído juntamente com a realidade local, com a busca ativa de possíveis patrimônios dentro do contexto acreano.

Como ponto de ignição do NID 1, foi proposto pelo coordenador que fizéssemos um curso ofertado pela Escola Virtual GOV (EVG), intitulado Educação Patrimonial, Diversidade e Meio Ambiente, na qual possibilitou a iniciação dos bolsistas dentro do vasto universo que é o patrimônio cultural. Logo depois, foi proposto o estudo sistematizado de dois verbetes por aluno, do Dicionário Temático do Patrimônio: debates contemporâneos (Carvalho; Meneguello, 2020), possibilitando assim a articulação e compreensão da teoria e prática, como defende Freire (1996).

Para apresentação no proposto artigo, os verbetes Paisagem Cultural e Patrimônio e Educação Patrimonial foram escolhidos para serem dissecados,



ênfatizando as atividades que foram propostas para serem aplicadas no âmbito da sala de aula. O verbete Paisagem Cultural pode ser entendido através de Sauer (Sauer, 1925 apud Ribeiro, 2020, p. 31) sendo definido como “a cultura é o agente, a área natural é o meio e a paisagem cultural é o resultado”, nesse sentido, a paisagem cultural é a mistura entre as obras humanas e sua ligação simbiótica com o meio natural. A intervenção pedagógica seria primeiramente a de instruir os alunos no conceito, explicando através de demonstração local, ou seja, utilizando da cidade de Rio Branco como um ponto a se transformar em uma paisagem cultural, para logo depois eles realizarem a atividade de pesquisa para elencar outros possíveis locais dentro do Acre e na América Latina, como paisagem cultural.

Com relação ao verbete sobre Patrimônio e Educação Patrimonial, é possível entender ele como sendo a capacidade de ensinar e demonstrar a importância do patrimônio histórico e cultural, além de contextualizá-lo, ou seja, colocar sobre a realidade local, pois como pontua Freire:

Dai que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados. Somente a partir desta situação, que lhes determina a própria percepção que dela estão tendo, é que podem mover-se (Freire, 1987, p. 42).

Sendo assim, a educação patrimonial precisa estar ligada com a realidade local, bem como seus patrimônios. Nesse sentido, a atividade proposta parte deste pressuposto, colocando os alunos dentro de um protagonismo escolar, para que fossem feitas pesquisas relacionadas ao patrimônio de Rio Branco e do Acre, tendo como ponto de partida a própria escola-campo, sendo ela um patrimônio da capital acreana. O trabalho seria também interdisciplinar, pois envolveria a pesquisa cultural e social, além de geográfica, dos patrimônios, utilizando também de recursos tecnológicos para a pesquisa.

Essas atividades, bem como a dos demais bolsistas, mostra a capacidade criativa e didática de elaborar atividades que conectam teoria e prática com a própria realidade acreana, sendo elementar na construção do pensamento crítico, como afirma Freire (1987). Além disso, pensando na formação continuada do professor, a atividade também efetivou um abrir de olhos para a realidade local, possibilitando um aprendizado sobre as manifestações culturais, sobre o ambiente urbano e sobre as possibilidades diversas de trabalhar o patrimônio dentro da sala de aula.



No tocante às visitas aos sítios arqueológicos Jacó Sá e Severino Calazans, passou-se antes por um processo de ensino dentro da sala de aula sobre esses elementos do Estado do Acre, para que depois fossem encaminhados a campo para um trabalho *in loco*. Ao chegar, os alunos ficaram entusiasmados com o local, aliado com a ideia de estar fora da sala de aula e em um lugar na qual eles já haviam estudado anteriormente. Para realizar isso, o professor supervisor recorreu a uma extensa justificativa para a saída dos alunos da escola e agendar um ônibus. É evidente as dificuldades que afloraram para que fosse possível levar os educandos para essa visita, impasses burocráticos tamanhos que limitam qualquer didática pensada para explorar os patrimônios da cidade.

Ao analisar a visita, é perceptível o que pontua Freire (1987), ao falar sobre a construção do conhecimento a partir da realidade do aluno, mas bem como ligar teoria e prática em uma mesma atividade, pois como explica Libâneo (1990, p. 28) “a formação profissional do professor implica, pois, uma contínua interpenetração entre teoria e prática, a teoria vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e a ação prática orientada teoricamente”. Evidencia-se que para falar de patrimônio, é primordial que o objeto estudado esteja conectado com a realidade do educando, para que possa compreender a notabilidade de preservar e estudar algo que faz parte da sua vivência, caso esse dos alunos da escola-campo CEBRB, que constroem a suas experiências dentro de um ambiente patrimonializado.

Sobre as duas atividades, notabiliza-se a presença da Paisagem Cultural nos geoglifos, uma ação humana no ambiente, modificando-a, mas ainda pertencente, sendo de espaços sociais coletivos para uso cerimonial, simbólico, ritualístico ou mesmo residencial, como aponta a UNESCO (2015). A Educação Patrimonial torna-se pilar que sustenta essa atividade com os alunos, pela sua capacidade de empreender na busca da conscientização e importância da preservação do patrimônio, além de fazer o educando reconhecer aquele elemento cultural como parte da sua vivência. Essa prática está de acordo com o objetivo de ir contra a chamada educação bancária, pensando em uma educação problematizadora:

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir "conhecimentos" e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação "bancária", mas um ato cognoscente (Freire, 1987, p. 39).



Ou seja, o professor e o aluno devem estar em uma relação na qual ambos aprendem um com o outro, mas também pensando que o professor ser o mediador do conhecimento e não o portador de um saber cristalizado e imutável, fugindo da premissa de uma didática tradicionalista na qual o professor é o transmissor e o aluno o receptor passivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender conceitualmente sobre Paisagem Cultural (Ribeiro, 2020) e Educação Patrimonial (Bezerra, 2020), além dos cursos introdutórios da trilha Educação Patrimonial, Diversidade e Meio Ambiente na plataforma Escola Virtual GOV (EVG) é perceber que eles foram essenciais para uma base a respeito dos patrimônios; essa teoria inicial possibilitou questionamentos que não havia anteriormente, garantindo que os pibidianos estivessem abertos a novas reflexões e assim a uma troca ativa de conhecimento seja com os bolsistas do NID, coordenador, supervisor e os próprios alunos da escola-campo.

A partir das experiências vividas, os pibidianos conseguiram compreender a importância da educação patrimonial enquanto um processo ativo de conhecimento, destacando a importância do patrimônio não como algo estático, mas passível de ser compreendido de acordo com o local em que está inserido, importante frisar o quanto essencial foi a perspectiva dos alunos nesse processo de troca de conhecimento com os pibidianos, pois fez com houvesse reflexões profundas sobre suas próprias vivências enquanto acadêmicos de história e futuros professores da rede básica de ensino.

É necessário entender que há desafios perceptíveis na docência, o conteúdo sobre educação patrimonial é abordado, em muitas ocasiões, de forma transversal como é o caso dessa visita aos sítios arqueológicos a qual foi realizado por meio de uma eletiva e tal situação pode impor a ideia de que a educação patrimonial é válida apenas em ambientes institucionais. É completamente errôneo analisar a educação patrimonial apenas nessa perspectiva, pois ela contradiz a ideia de Freire (1987) ao não instigar o conhecimento do aluno em situações do cotidiano. Analisando tal situação é necessário entender o conhecimento como parte do lugar em que o aluno vive, mais que isso é essencial situar o conhecimento com a realidade deles, assim ela se torna parte das vivências cotidianas e faz com que instiguem seu pensamento crítico nesse processo ativo de conhecimento.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos nossos pais e à CAPES, bem como ao professor coordenador Eduardo Nunes e ao nosso supervisor Jeffer Cunha.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, M. Patrimônio e Educação Patrimonial. In CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Org.). **Dicionário Temático de Patrimônio**: debates contemporâneos. Campinas, SP. Editora UNICAMP, 2020. P. 63-65.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. **Portaria nº 375, de 19 de setembro de 2018**. Dispõe sobre a Política de Patrimônio Cultural Material. 2018.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. **Portaria nº 137, de 27 de abril de 2016**: Institui um conjunto de marcos referenciais para a Educação Patrimonial. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico da Educação Patrimonial** –. Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.



RIBEIRO, R. Paisagem Cultural. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Org.). **Dicionário Temático de Patrimônio**: debates contemporâneos. Campinas, SP. Editora UNICAMP, 2020. P. 31-33.

UNESCO. **Geoglyphs of Acre**. World Heritage Centre. Tentative List – 5999. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/tentativelists/5999/>. Acesso em: 16 mar. 2025.